

SEÇÃO DE ENTREVISTAS

Entrevista realizada com o sociólogo Michel Misse¹, autor do livro *Crime e Violência no Brasil Contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana* (RJ, Editora Lumen Juris, 2006), concedida ao editor Mauro Petersem Domingues, em agosto de 2008.

Mauro Petersem: Professor, em alguns de seus primeiros trabalhos o senhor começou tratando de temas teóricos como os conceitos de classe social em Max Weber e Karl Marx ou de temas relativos à sexualidade como em “O Estigma do Passivo Sexual”. Hoje os temas da criminalidade, da violência e da política de segurança pública se destacam em sua produção. O senhor poderia nos falar um pouco sobre sua trajetória de pesquisador e sobre como se deu sua aproximação desse tema da violência/segurança pública?

Michel Misse: Na verdade, minha primeira entrada no campo sociológico foi nos estudos da criminalidade. Minha primeira pesquisa debruçou-se sobre a delinqüência juvenil no Rio, então Estado da Guanabara, hoje considerado um estudo pioneiro nessa área temática. Trabalhamos, eu e um grupo de colegas da graduação do IFCS-UFRJ, entre 1971-1972, com os arquivos do então Juizado de Menores. O resultado foi publicado no livro “*Delinquência Juvenil na Guanabara: uma introdução sociológica*” (Rio, Tribunal de Justiça da Guanabara, 1973). Continuei nesse campo até 1983, aproximadamente, retornando ao tema após terminar minha gestão na direção do IFCS, em 1993. Meu outro livro sobre o assunto foi publicado em 1979: “*Crime: o social pela culatra*” (Rio, Editora Achiamé/Socii), em co-autoria com Dilson Motta. Lancei no ano retrasado uma coletânea dos artigos que publiquei nos últimos dez anos, “*Crime e Violência no Brasil Contemporâneo*” (Rio, Editora Lumen Juris,

¹ Michel Misse é Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ/SBI/UCAM (1999). Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde ingressou como professor em 1978. Integra o corpo permanente do Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ desde 2000. Dirige o NECVU - Núcleo de Estudos em Cidadania, Conflito e Violência Urbana da UFRJ. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia urbana, comportamento desviante, drogas, criminalidade, violência urbana.

2006) e lançarei este ano, na Anpocs, uma coletânea de artigos de orientandos meus, “*Acusados e Acusadores. Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações*” (Rio, Editora Revan e Faperj, 2008). Também estarei lançando um periódico inteiramente dedicado a esta área temática, “*Dilemas*”, que será editado a cada três meses pelo NECVU, o núcleo que dirijo na UFRJ.

Mauro Petersem: Hoje em dia há um grande número de cientistas sociais que se dedicam a estudos, projetos e mesmo à gestão de políticas públicas nas áreas da violência e segurança pública. O senhor poderia nos falar um pouco sobre a presença do cientista social nessa área, o estado atual da pesquisa e sua relevância para a sociedade brasileira hoje?

Michel Misse: A questão exigiria uma resposta muito extensa. Resumidamente, o que posso dizer é que essa é uma área temática hoje consolidada no Brasil, com muitos grupos de pesquisa e um volume crescente de produção sociológica e antropológica. Escrevi, com colegas, uma análise desse campo temático e um levantamento das principais publicações nessa área até 2000, publicado na BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (número 50). Uma atualização online pode ser encontrada no site do NECVU-UFRJ (www.necvu.ifcs.ufrj.br).

MP: Apesar da intensificação de esforços e gastos na área de segurança pública e combate à violência, os números sobre a criminalidade violenta parecem não parar de crescer e temos vivido em algumas cidades situações que beiram a definição de terrorismo. Estamos de fato perdendo esse combate ou tem havido avanços significativos (embora pouco visíveis) nessa área? Se, de fato, a situação está piorando, esse fracasso a essa altura também não é nosso, das Ciências Sociais?

MM: Um diagnóstico nacional ainda está por ser feito. O que posso dizer é que os números indicam avanços em alguns estados, por exemplo, queda dos homicídios dolosos nos Estados de São Paulo e (em menor monta) Rio de Janeiro. Há um declínio do poder do tráfico no Rio de Janeiro, mas as taxas de roubo continuam aumentando, como também em São Paulo. As taxas elevadas

de homicídios nas regiões metropolitanas das capitais brasileiras (principalmente Recife e Vitória) cedem e depois voltam a crescer. O sentimento de segurança nem sempre corresponde ao que está acontecendo em cada cidade, em cada bairro de uma grande cidade. Pesquisas de vitimização realizadas nos últimos anos indicam a distância entre medo e realidade. Tudo isso demonstra a complexidade desse campo de estudos e dessa área de políticas públicas. Mas há intervenções que produzem resultados significativos, como a recente “lei seca” no trânsito que está fazendo baixar as taxas de homicídios dolosos e culposos. O álcool pode estar mais associado ao crime do que as drogas ilícitas, ao contrário do que muita gente pensa.

MP: Professor, não há dúvida de que a formação de extensos e exaustivos bancos de dados acerca da segurança pública e violência/criminalidade é essencial à compreensão desses fenômenos e à formulação de políticas bem sucedidas no setor. Como o senhor vê o estado atual da formação desses bancos de dados?

MM: Houve um avanço muito grande nos últimos dez anos. A informatização das delegacias e batalhões, em vários estados, permitiu a criação de bancos de dados fundamentais para o planejamento de ações preventivas e o desenvolvimento da inteligência nas investigações. Mas ainda há muito por fazer, principalmente na formação de recursos humanos, na formação de analistas criminais, etc. As ciências sociais, nessa área, evidentemente se beneficiam da existência de bancos de dados bem construídos e alimentados de informação sobre as circunstâncias dos crimes, já que permitem análises mais aprofundadas. Outra área que começa a se desenvolver é a de análise de fluxo do sistema de justiça criminal, com a avaliação do tempo de processamento dos crimes através da análise longitudinal. As taxas de elucidação são um importante indicador da competência do trabalho da polícia, do ministério público e do judiciário. Neste momento, estamos começando uma pesquisa nacional, em cinco capitais, sobre o papel e a função do inquérito policial no processo penal brasileiro.

MP: Nosso núcleo aqui na UFES tem como metodologia principal o Indiciarismo, um paradigma que valoriza técnicas qualitativas como a história oral ou a análise em profundidade de documentos escritos e não-escritos (obras de arte, elementos arquitetônicos, etc.) na investigação social. Gostaria que o senhor discorresse um pouco sobre como o senhor vê a relevância de pesquisas qualitativas (histórias de vida, etnografias, análise de discurso, etc.) nos estudos sobre violência, criminalidade e segurança pública.

MM: A pesquisa qualitativa, quando alcança demonstrar uma hipótese por saturação de significados, é de suma importância para a *compreensão* de processos sociais, inclusive para elaborações de tipo causal (adequação de sentido, por exemplo), sempre que métodos quantitativos não consigam obter o mesmo sucesso. O ideal é aliar-se o quantitativo e o qualitativo. No Brasil, em função da baixa qualidade dos dados estatísticos oficiais e da pouca tradição e alto custo na realização de surveys, a pesquisa qualitativa tem sido utilizada com muita frequência, embora nem sempre com controle científico dos resultados. Há pesquisadores que acham que basta citar o discurso de um entrevistado para que sua tese seja considerada demonstrada, o que é, na verdade, um método preguiçoso e insuficiente de comprovação. Mas há também os que obtêm muito sucesso com a utilização criativa e inteligente das histórias de vida e da etnografia para chegar a resultados efetivamente originais, que contribuem para o avanço do conhecimento do objeto.

MP: O Sr. foi convidado a compor o quadro de professores que responderão pelo mestrado em Ciências Sociais na UFES a partir do próximo ano. Como o Sr. enxerga a criação desse primeiro mestrado em Ciências Sociais no estado do Espírito Santo? Há algum significado especial em sua participação nesse mestrado, uma vez que o Sr., apesar de nascido no Espírito Santo, fez toda sua carreira acadêmica e profissional no Rio de Janeiro?

MM: Atendi ao chamado de colegas da UFES para colaborar na criação do Mestrado em Ciências Sociais, e não poderia ter deixado de fazê-lo, até mesmo pelo fato de que sou capixaba, interessei-me pelos problemas do meu

estado e quero, na medida do possível, mesmo residindo e trabalhando no Rio, contribuir para o avanço das ciências sociais no Espírito Santo. É evidente que minha contribuição será limitada pela distância física, mas espero que – ao menos uma vez por semestre – eu possa estar com vocês e com os alunos, trocando idéias e construindo laços e intercâmbios entre os nossos departamentos. Tenho o maior carinho por essa iniciativa e torço para que ela seja bem sucedida.

———— Fim ————

A seção de entrevistas da **Revista Sinais** é um espaço de reflexão e análise, onde nossos leitores terão a oportunidade de conhecer melhor pesquisadores, professores, intelectuais, escritores e artistas ligados direta e indiretamente aos temas estudados no Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias da UFES.

Dúvidas, críticas e sugestões podem ser encaminhadas para o e-mail: revistasinais@indiciarismo.net .